

RESENHAS

DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhranpuh.v9i25.31093>

BRUMANA, Fernando Giobellina. El lado oscuro. La polaridad “sagrado/profano” y sus avatares. Buenos Aires: Katz, 2014.

Recebido em 24/02/2016 - Aprovado em 14/04/2016

O lado obscuro. A polaridade "sagrado / profano" e suas manifestações

Manuela Lowenthal Ferreira ¹

Uma das maiores influências da Sociologia Clássica Francesa se faz pelos fenômenos religiosos que existem no núcleo de cada organização social e como isso afeta as relações entre os indivíduos, suas concepções de mundo, a moral, a ética, as normas e os símbolos de uma determinada sociedade. Essa tendência sociológica, advinda principalmente de Durkheim, perdeu espaço com o tempo, mas não antes que o mestre da sociologia publicasse sua grande obra: “As formas elementares da vida religiosa”. O sagrado era considerado como algo distinto do social, como um polo vazio e deslocado do profano, em uma relação binária. Porém, essa visão não se mantém inalterada, mas se transforma ao longo do tempo nos meios acadêmicos, como é discutido no livro “El lado oscuro. La polaridad “sagrado/profano” y sus avatares”.

Neste livro, o autor Fernando Giobellina Brumana busca explorar e compreender o desenrolar deste tema, assim como desconstruí-lo, explorando o percurso e as divergências sucessivas das gerações do pensamento social francês das quatro primeiras décadas do século XX. São expostas no livro as linhas que relacionam etnologia com psicanálise, filosofia, literatura, surrealismo e política, em suas manifestações como o socialismo, o fascismo, o capitalismo e a democracia burguesa, sempre com o olhar central na relação que essas esferas mantêm com o sagrado.

¹ Mestre em Ciências Sociais, estuda a nova formação de mercados, no que envolve o mercado religioso, a nova configuração do trabalho, trabalho imaterial, Religião como serviço, as concepções de sagrado e profano na sociedade contemporânea e a sua relação com a Economia. É integrante do grupo de estudos NEREP- Núcleo de Estudos sobre religião, economia e política. Tem participação na Associação Brasileira de História da Religião como sócia e atua na secretaria de divulgação de Simpósios desta associação. Email: manu_lowe@hotmail.com

O autor inicia o debate acerca das diversas formas de manifestação do sagrado, os principais autores que tratam de tal questão, suas divergências e aproximações. Uma primeira abordagem é a que adotam os estudiosos das obras de Durkheim: delimitam o sagrado como objeto de estudos, isolando-o, recortando-o e definindo-o como dimensão isolada de outros fenômenos sociais. A primeira linha de trabalhos desenvolvidos com esta abordagem direcionou os membros da *L'Année Sociologique* a se interessarem por esta temática. Tratam de questões com recorte teórico e acadêmico, e suas relações com as condições históricas. Brumana considera esta metodologia simplista, porém linear, além de questionar a ausência do debate político. No livro, Robert Hertz é apontado como um exemplo de autor que adota tal postura.

A outra corrente surge e se desenvolve no *Collège de Sociologie*, sendo essa mais complexa e contraditória, segundo Brumana, por estar vinculada de forma mais intensa ao dia-a-dia da dinâmica política. Para Brumana, Georges Bataille é um dos principais autores que se caracterizam por esta abordagem. Essa vertente busca compreender o fenômeno do sagrado como uma totalidade, algo inseparável do contexto social, em outro nível de compreensão, cuja investigação vai até o centro da questão, vinculando o sagrado a outros elementos chave, como Kojève e sua interpretação existencial de Hegel; Lacan cuja noção de “alegria” se aproxima da noção de “excesso” e “gasto inútil” em Bataille. Esta concepção acerca da manifestação do excesso no que diz respeito ao sagrado, ganha uma aproximação ao conceito de niilismo, “la verdade que sólo el silencio no traciona” (p. 53).

O livro se debruça, portanto, na análise da distinção entre esses dois posicionamentos. Giobellina Brumana utiliza os dois principais autores de cada linha: Hertz e Bataille. Assim se inicia uma primeira observação sobre a questão do sagrado e como o percurso desta temática se tornar um importante objeto de estudos para a Antropologia Social e para a Sociologia.

A diferença entre as duas linhas fica nítida no desenrolar do livro. A primeira tem uma realidade mais palpável, com projeção até os dias atuais, um paradigma que não se esgotou até o presente momento. A segunda se mostra estritamente evanescente. Nem construção teórica e estabelecida e nem continuidade, pois recebe influências de diversos âmbitos. Essa vertente apresenta grande força até os dias atuais, com cada vez mais ramificações. Brumana afirma que a intrincada elaboração de Bataille sobre o sagrado não se mantém apenas em um plano teórico, mas os resultados teóricos são, por assim dizer, consequências de uma experiência interior particular e existencial.

Bastille nesse momento se torna um estudioso que se envolve com o tema de forma plena; como uma maneira de reencantar o mundo, de conectar o profano com o sagrado, buscando nisso uma forma de compreender a essência real. Tornou-se então, a partir desta sua abordagem, um autor referência entre os teóricos da área. Um grande fardo e responsabilidade, segundo Brumana.

Trata-se, portanto, de repensar a questão através de uma manifestação máxima de humanismo e razão, em uma fronteira além da colocada convencionalmente, na qual humanismo e razão se fundem em uma única dimensão de pensamento. Brumana explica

que não é um mero conflito entre razão (Mauss) e irracionalismo (Bastille), mas entre sistemas de compreensão, ou seja, do reconhecimento da supremacia da razão, no sentido de superação, de reflexão e desconstrução.

O livro se volta, portanto, a todos os desdobramentos que o tema acerca do sagrado pode gerar, recaindo em diversos autores, obras, discussões e períodos. Brumana está interessado nas questões centrais que direcionam os debates, na qual se manifestam em forma de dualismo, sendo elas conceitos chaves para se pensar a relação entre os homens e entre eles e o mundo: sagrado/profano (Durkheim), as dicotomias políticas como direita/esquerda (Hertz), homogêneo/heterogêneo (Bataille), permanência/liminaridade (Van Gennep), assim como as diversas facetas que compõe o espaço a ser explorado neste livro.

Brumana transita entre velhos paradigmas que permanecem até os dias atuais, na medida em que permitem proporcionar elementos para se pensar o mundo em que vivem os homens, principalmente no que tange seus interstícios, liminaridades, na qual o autor denomina como “margem”, um espaço de transição, de percurso. É neste campo que se desenvolve o livro, a partir de questionamentos e indagações acerca de tais dualidades, buscando compreender como estes dualismos estão relacionados aos sistemas sociais, a partir de uma extensa experiência etnológica sobre cultos religiosos brasileiros. O autor observou que estes dualismos aparecem de diversas formas nos cultos, e se manifestam entre outras maneiras como: feminino/masculino, esquerda/direita, interior/ exterior, puro/impuro. Porém, o dualismo está, antes de tudo, imbricado na tipologia dos componentes do campo religioso brasileiro, de caráter popular, como geralmente é definido.

É definido o caráter popular como “subalterno”, na qual Brumana explica que o conceito utilizado representa a estreita ligação entre esses cultos e o cotidiano desses indivíduos. Sendo parte do dia-a-dia, se manifestam na vida material/terrena, nas expressões dos corpos, nos hábitos diários e nas vidas domésticas. Dessa forma, Brumana considera estes cultos como formas alternativas de mediações da vida material com a espiritual. Como sendo mecanismos de reinterpretação, “sub” no sentido de alternativo a o que é dominante, mas em um contexto de apropriação, na qual se cria novas práticas. O conceito utilizado no livro também se dirige à como a experiência sagrada é vivida nestes cultos como parte integrante da cultura popular e está relacionada à vida diária como forma de reapropriação da experiência do sagrado, convertendo-a ao cotidiano e resignificando o sentido e a forma de viver esse sagrado. É como um constante culto diário da vida.

O dualismo à que Brumana se refere apresenta este contorno: uma forma de mediação na qual caracteriza a subalternidade, em uma reinterpretação do sistema de lógica de pensamento, uma desconstrução das categorias e de seus esquemas classificatórios, um novo meio de condução da ação e compreensão do mundo, com categorias e esquemas próprios e particulares.

Brumana mostra, a partir desta compreensão, que a subalternidade não é de forma alguma indefesa, inerte e passível, mas ela cria e recria, e é constantemente ativa.

Em outras palavras, o que Brumana conceitua como sendo a “margem” é a resignificação do que está no centro. Esse conceito é questionado e passa a ser considerado não como ausência ou distanciamento do centro no sentido de carência e inferioridade, mas como uma nova forma de compreender a realidade deste centro e experienciá-la.

A primeira parte deste livro se inicia com um debate que tem Bataille como fio condutor, desembocando em Leiris. Embora o livro seja basicamente sobre Bataille e Hertz, o autor em vários momentos termina falando sobre Leiris. Um segundo momento do livro segue um curso que parte dos apontamentos colocados por Hertz, na qual direciona e permite um diálogo com os autores da primeira parte do livro, assim como outros interlocutores. O debate segue em direção ao lado obscuro do sagrado, chegando ao cerne da questão de acordo com o que Brumana busca: as diversas polaridades assimétricas que recaem no outro lado do sagrado, o seu contrário, o pecado, a decomposição de cadáveres, aquilo que não é tido como aceito ou divulgado enquanto algo sacro, do reino dos Deuses.

Este livro aborda uma proposta simples de uma maneira complexa: compreender as diversas facetas dos estudos acerca do sagrado e os seus possíveis desdobramentos, buscando negar a univocidade, a homogeneidade da estrutura, e compreender os desdobramentos universais como uma questão de ordem abstrata, que se manifesta de forma diferente em cada caso.

A disciplina em questão funciona da mesma forma que os mitos na qual estuda. Assim como eles, os elementos a partir dos quais os aparatos conceituais são construídos carregam a memória dos lugares que ocuparam no passado, também a maneira como tem sido pensados e a lógica de seu funcionamento. As categorias carregam a densidade da sua história, a trilha que é iniciada tem como horizonte a recuperação dessas memórias.

O autor tem também como intuito expandir esses horizontes. O livro, portanto, é mais do que um manual etnográfico e uma indicação etnológica. Foge das propriedades antropológicas acadêmicas. É finalizado com a reflexão de que a Antropologia Social está em todos os locais, ela faz parte do ar, não pode ser um objeto isolado e recortado, pois essas questões circundam a vida e a existência humana. Um livro interessante e denso, porém, simples, e acima de tudo provocador.